

# Ajudando Estudantes de Faculdade Com Necessidades Especiais

O canto do grilo tinha um novo senso de urgência. Uma folha alaranjada chamou-me a atenção na árvore acima da calçada ao apressar-me através do campus escolar para minha aula de Habilidades para Faculdade, das 8:00 hr, a qual tinha sido acrescentada ao currículo para ajudar estudantes com problemas acadêmicos a serem bem sucedidos. Era um grupo interessante!

- Alberto nunca participava de qualquer atividade de grupo.

Trabalhava quieto e solitário, ocasionalmente fazendo uma observação insolente. Mas ele se descontraiu e concentrava-se atento às tarefas semanais de Lógica. Voava através delas e recebia uma nota quase perfeita em cada uma delas.

- Ágata entregava toda tarefa a tempo. Cada uma era maravilhosamente criativa e acompanhada de sua própria versão em fita cassette. Claramente possuía

o dom de escrever com criatividade, a despeito de sua ortografia provocante.

- Sérgio me surpreendeu quando eu pedi uma apresentação musical da lista de vocabulário de *1100 Palavras*. Escreveu uma balada histórica de seu país que incluía todas as palavras designadas.

- Augusto sempre queria fazer uma competição de revezamento para combinar palavras com suas definições que tinham sido postas em mesas do lado oposto da sala.

- Às vezes Leo mostrava seus cartões, com esboços surpreendentes, aos outros estudantes antes da aula. Não fiquei surpresa quando conferi seu planejamento semanal. Era codificado em cor e desenho. Suas notas na ampla margem esquerda freqüentemente tinham “desenhos de gatilhos” em vez de palavras evocativas.

- Nelson já tinha organizado vários grupos de estudo, embora ainda fosse setembro.

- Jorge nunca se associava com qualquer grupo de estudo. No entanto, pedira permissão para fazer um projeto de estudo independente em lugar da primeira prova.<sup>1</sup>

Teria você admitido Albert Einstein, Agatha Christie, Sergei Rachmaninoff, Auguste Rodin, Leonardo da Vinci, Nelson Rockefeller ou Jorge Patton em sua faculdade? Todos estes indivíduos com problemas de aprendizado eram extremamente

**Muitos alunos com necessidades especiais podem aprender fonética com mais facilidade quando podem sentir a colocação de cada som na sua própria boca.**

inteligentes. Embora estas pessoas famosas não fossem meus alunos, nas linhas acima dei seus nomes a estudantes meus que se distinguiram por sua inteligência.

## **Boas-vindas a Estudantes com Carências Especiais!**

Deveriam as faculdades admitir estudantes com carências especiais, inclusive aqueles que não sabem a aritmética elementar e que não conseguem ler palavras com mais de cinco letras? Significa isso diluir a validade de um diploma de faculdade? Creio que Rosalie Fink diria “Dêem a elas as boas-vindas!” R. Fink fez um estudo entre doze estudantes americanos com problemas básicos de fluência.<sup>2</sup> Estas pessoas chegaram a ser contribuintes de valor em suas áreas. Embora alguns sintomas de dislexia persistiam na idade adulta, todos se tornaram leitores peritos de muito material técnico. Tiveram êxito em áreas tão diversas como imunologia, bioquímica, direito, ginecologia, física, neurologia, artes gráficas e administração de empresas. Embora aprender a ler tenha sido uma luta para eles, sete deles publicaram compêndios ou artigos eruditos e contribuíram com novo conhecimento em suas especialidades.<sup>3</sup>

Isso certamente não parece um produto educacional diluído! Por que ficamos assustados com estilos de aprendizado fora do comum? Adaptar nosso ensino ao estudante com carências especiais *não* significa ceder terreno aos “brincalhões” ou aos desmotivados. Quando um estudante luta seriamente para vencer um problema de aprendizado, devemos nos prontificar a ajudá-lo a todo custo ou estaremos excluindo algumas das pessoas mais bem dotadas, pessoas com o potencial de se tornarem cidadãos produtivos e compreensivos.

Que estão as faculdades fazendo acerca deste problema? Livros no mercado resumem as tendências atuais. O livro de Peterson, *Colleges with Programs for Students With Learning Disabilities*, registra mais de 800 escolas que oferecem ajuda específica para estudantes com problemas de aprendizado.<sup>4</sup> Professores de escolas secundárias e funcionários do escritório de admissão nas faculdades devem alertar os estudantes sobre este tipo de recursos disponíveis.

## *Deveriam as faculdades admitir*

*estudantes com carências*

*especiais, inclusive aqueles que*

*não sabem a aritmética elementar*

*e que não conseguem ler palavras*

*com mais de cinco letras?*

Qualquer estudante que é motivado, autodisciplinado e que tem a habilidade de estudar para satisfazer as exigências de um curso é um bom candidato para faculdade — mesmo que ele ou ela tenha um problema de aprendizado. As faculdades devem estudar cuidadosamente cartas de conselheiros de curso secundário e especialistas em aprendizado que dão um sumário dos pontos fortes e fracos do estudante ao verificar se um estudante tem probabilidades de ser bem sucedido na faculdade. Estudantes com problemas de aprendizado podem não ter boas médias nem sair-se bem em testes padronizados. Como educadores cristãos, devemos especialmente evitar tirar conclusões baseadas somente em avaliações estereotipadas.

## **Recursos Úteis**

Durante os últimos 15 anos o Centro de Recursos HEATH tem orientado faculdades e universidades no processo de integrar estudantes com deficiências em seus programas acadêmicos.<sup>5</sup> Rhonda Hartman diz que estudantes que freqüentaram classes regulares no curso secundário e deram conta de suas tarefas com a ajuda de adaptações se ajustarão bem na faculdade. No entanto, estudantes que atuaram apenas numa “sala de recursos” necessitarão de adaptações e assistência especiais.<sup>6</sup> Os administradores devem incluir materiais e ensino no orçamento para garantir o êxito de tais estudantes.

*Recursos para Transição* é um excelente programa publicado pelo AGS [Serviço Americano de Orientação] para preparar estudantes para estudos pós-secundários.<sup>7</sup> Ele os ajuda a compreender seu estilo de estudo, adquirir bons hábitos

de estudo, planejar acomodações na sala de aula, escolher e candidatar-se a uma escola pós-secundária. Inclui um excelente vídeo instrutivo onde estudantes assumem o papel de advogados em causa própria com positividade, aceitam crítica, pedem a ajuda do professor e aprendem acerca de seus direitos. Este tipo de treinamento seria uma adição excelente à aulas de educação religiosa do último ano de nossas escolas secundárias, que usualmente incluem questões de orientação. As escolas adventistas secundárias não oferecem tanto apoio na seleção de faculdade e no processo de inscrição como alguns alunos do último ano gostariam. Fornecer esse tipo de orientação pode servir para encaminhar mais de nossos jovens — não só os que têm problemas de aprendizado — para cursos pós-secundários apropriados.

Quantas faculdades adventistas estão preparadas para lidar com estudantes que sofrem certas deficiências? Aceitar estudantes que requerem atenção especial sem fazer provisões adequadas para suas necessidades não é boa prática educacional nem cristã. Estamos fazendo tanto quanto podemos — ou devemos? Estamos ainda dizendo aos pais a **mesma velha história** — você terá de enviar seu filho ou filha a uma escola pública para receber o apoio adequado e ser bem sucedido? É correto negar a tais estudantes uma educação cristã?

## **Comportamentos Típicos**

Que espécies de problemas terão estes estudantes quando entrarem numa faculdade? Muitos terão trazido da escola anterior uma estratégia de eximir-se que empregaram para evitar fracasso e situações deprimentes. Pierangelo e Jacoby apresentam nove desses comportamentos que já pude observar no nível superior:<sup>8</sup>

1. *Esquecimento seletivo.*

2. *Deixar de tomar nota dos deveres dia após dia.* O estudante não se lembra qual é o dever, esquece-se de fazê-lo, perde ou não pode localizar o compêndio, ou perde a apostila.

3. *Levar horas para completar o dever escolar.* Este é um problema muito comum no nível superior. Alguns estudantes levam cinco ou mais vezes o tempo regular para executar o dever. Uma aluna me disse que lia cada dever de literatura pelo menos seis vezes. As primeiras quatro ou cinco apenas para ler as palavras corretamente. As últimas eram

para compreensão.

4. *Fazer o dever escolar no embalo.* Estes estudantes completam um enorme dever às pressas apenas para se livrar dele. Esta atitude os leva a copiar as respostas da chave no fim do livro em vez de fazer o trabalho.

5. *Parece nunca conseguir começar o dever escolar.* O nível de ansiedade do estudante faz com que ele ou ela vá pospondo dar início ao trabalho.

6. *Freqüentemente levar para casa o dever de classe incompleto.* Este estudante parece tão exausto com a luta acadêmica que não tem energia suficiente para terminar o trabalho em classe. Algumas deficiências podem estar envolvidas, tais como leitura e soletração fracas, ou dificuldade de transferir a palavra falada para a forma escrita ao tomar notas. Este aluno pode também ter “aprendido a se fazer de desamparado” como um modo de obter atenção ou como resultado da falta de preparo para a transição por parte do pessoal especializado no curso secundário.

7. *Consistentemente deixar tarefas a longo prazo para o último minuto.* A escola superior é o teste máximo que demonstra se o estudante aprendeu a planejar e a controlar seus hábitos de estudo ou não. Muitos estudantes — com ou sem deficiências — carecem de um conceito claro de como trabalhar em reverso a partir das datas mencionadas apenas na apostila, especialmente se o professor não os relembra dos projetos em classe.

8. *Queixar-se ou sentir-se doente antes ou depois da escola.* O nível elevado de tensão da vida acadêmica pode precipitar problemas que vão de resfriados freqüentes a distúrbios nos hábitos de alimentação. Maus hábitos no dormir podem resultar em ausência às aulas, tardanças e desatenção.

9. *Exibir comportamento raro para chamar a atenção.* Havia de se esperar que palhaçada fosse limitada à escola primária. Contudo, o efeito catártico de relaxar a tensão causada por sentimentos de inadequabilidade freqüentemente supera o comedimento próprio da idade. Oliphant afirma que, “Os professores precisam ser firmes com seus alunos na leitura de nível superior. Adultos que carecem de habilidades fundamentais tendem a trazer consigo a bagagem do passado. Alguns procuram atenção e/ou se engajam em provas de força. Outros agem como se estivessem com medo ou fossem vitimados”.<sup>9</sup>



**A autora apresenta um treinamento sobre Fonética em Ação e Inteligências Múltiplas para professores.**



**Os alunos usam inúmeras inteligências no preparo de cartazes sobre projetos literários e no descobrir maneiras de usá-los. Acima, Eilen Bailey (à dir.), diretora do Instituto de Língua Inglesa no Atlantic Union College, South Lancaster, Massachusetts, verifica um dos exemplos de Ambigüidade que os alunos colocaram em cartaz.**



**Fazer mapas das palavras e escrever o material na lousa ajuda aumentar a compreensão da leitura e reforçar o que os alunos aprenderam.**



**Equipes de revezamento utilizam inteligências múltiplas ao analisarem cartazes de projetos literários e figuras de linguagem para uma aula de literatura.**



**Inteligência corporal, uma das maneiras de ser experto conforme definição de Howard Gardner, é uma área freqüentemente inexplorada que pode ser utilizada para ajudar os alunos a aprenderem uma variedade de assuntos. Acima, a autora joga um disco voador a um de seus alunos.**

## Como Ajudar

Como podemos ajudar estudantes de nível superior a vencer estes subterfúgios e ao mesmo tempo criar para eles um ambiente de aprendizado bem sucedido? Primeiro, precisamos ver que os estudantes examinem seu uso presente de várias "inteligências" para se dar conta de seus pontos fortes no aprendizado. Os estudantes podem não ter idéia alguma de que tenham qualquer talento em áreas tais como arte, música, habilidades interpessoais ou sinestésicas, ou que estas possam ser aproveitadas na área acadêmica. A seguir, precisamos identificar níveis de habilidade e desenvolver alvos específicos e objetivos para ajudar o estudante a adquirir as habilidades desejadas.

Professores e administradores precisam compreender as implicações dos vários pontos fortes de aprendizado em cada área acadêmica. Conin, por exemplo, diz que o disléxico é um "aprendiz concreto. Ele começa com a conclusão e continua em sentido oposto".<sup>10</sup> Para tais estudantes compor um esboço antes de escrever uma monografia é muito difícil. Contudo, eles sabem em que direção vai a monografia, e podem carecer apenas de um pequeno apoio para esboçar uma seqüência lógica dos passos necessários

para chegar a uma conclusão válida.

O estudante com deficiência de aprendizado às vezes revela uma falta de "flexibilidade que o impede de mudar facilmente de uma habilidade para outra. Por exemplo, ele pode não conseguir mudar facilmente de adição para subtração e para multiplicação".<sup>11</sup> Isto provoca caos nas aulas de matemática da faculdade. Estudantes com esse problema precisam aprender como fazer um banco de operações para todos os assuntos que contêm seqüências. Isso pode ser feito num computador ou num caderno de anotações bem organizado e com índice. O estudante faz uma lista dos passos numerados em suas próprias palavras e então segue os passos ao trabalhar com um exemplo.

Os disléxicos também têm *dificuldade em fazer conexões apropriadas entre várias informações*. Isso é frustrante para o estudante porque a informação pode ter sido bem aprendida, mas arquivada em diferentes "bolsos". O circuito das várias informações relacionadas entre si não funciona, tornando difícil o raciocínio por inferência. Estes alunos requerem exposição repetida a estratégias bem formuladas que facilitam a transferência de informação. No entanto, este tipo de

pensador pode contribuir eficazmente para uma equipe de debate, porque questões secundárias não confundem seu raciocínio.

Os estudantes disléxicos devem ser *cuidadosos para não sobrecarregar o circuito*. São incapazes de processar palavras que vêm depressa demais. Exige um "esforço extremo para ouvir, compreender, integrar, lembrar e tentar executar instruções".<sup>12</sup> Professores de faculdade podem ser mestres da temida preleção feita de pé. O atraso no processamento para tais estudantes pode ser solucionado desacelerando o fluxo de palavras. O estudante grava as preleções ou tem alguém que lhe provê uma cópia das anotações. A fita gravada permite ao estudante o tempo necessário para processar. Do lado positivo, este estudante pode ajudar outros a diminuir o passo e apreciar a beleza da conversação de uma balcão ou o grasnado de um ganso voando.

Uma vez que o estudante venceu o comportamento de eximir-se e adaptou-se a um ambiente de aprendizado funcional, o que pode ser feito com seus problemas de aprendizado? Muitas escolas oferecem ajuda individual para remediar o problema com um especialista para que o estudante possa adquirir habilidades que lhe faltam. "Estudantes sérios com inteligência regular, atitudes cooperativas e boa assiduidade podem progredir de 3 a 7 níveis escolares na leitura num semestre".<sup>13</sup>

## Tipos de Instrução para Remediar

Que tipos de atividade são mais úteis para remediar o problema? Proficiência em estudo e organização, treino em percepção e memória, percepção visual e auditiva, fonética para leitura e soletração, desenvolvimento de uma variedade de velocidades de leitura para propósitos diversos. Compreensão da leitura, habilidade em reconhecer o padrão organizacional dos autores, leitura de compêndio, provas, anotações. Desenvolver a habilidade de reconhecer, aproveitar e intensificar o uso de várias "inteligências", planejar a longo prazo e advogar em causa própria.

Há uma nova atividade interessante para remediar o problema de leitura de alunos adolescentes e adultos, inclusive aqueles para os quais o inglês é uma

segunda língua, que merece atenção especial. É o uso da “propriocepção”, ou uma consciência aguçada de sons falados. Foi iniciada por Frank Lang, que descobriu o poder de apresentar sons consonantais em grupos.<sup>14</sup> Este incremento à memória visual e auditiva ajuda a conservar a associação firme na memória.

### Outros Serviços de Apoio

Outros serviços de apoio oferecidos a estudantes de faculdade devem incluir:

- ajuda com tarefas do curso, inclusive de colegas tutores;
- modificações no curso;
- tempo extra para exames, ou métodos alternativos de testes;
- desenvolvimento de técnicas de estudo;
- provisão de alguém para tomar notas;
- programas ou classes para aumentar a velocidade da leitura e compreensão;
- provisão e treinamento no uso de tecnologias auxiliares;
- aconselhamento e treino para exercer advocacia em causa própria;
- apoio para maior sociabilidade;
- trabalho de integração com pais, professores e administração;
- técnicas de prestar provas e preparo para exames vestibulares para escolas superiores.

Como podemos fornecer tais serviços quando muitas de nossas instituições já estão lutando para sobreviver e estão fazendo cortes sérios nos serviços? Os administradores que se dedicam a prover uma educação cristã para todos que querem aprender descobrirão um meio para ajudar tais estudantes a serem bem sucedidos. Precisamos trabalhar em cooperação ou “network” para nos beneficiarmos do sucesso uns dos outros.

Uma solução, fora do orçamento tradicional, é cobrar uma taxa de serviços de todos os estudantes. Este dinheiro pode então ser usado para financiar os serviços necessários. Alguns programas são financiados através da anuidade, com uma taxa fixa para cada semestre no qual o estudante usa o centro de serviços auxiliares. Outros são financiados por doações ou bolsas escolares.

### Conclusão

Que podem as faculdades fazer por Ágata que não sabe soletrar, e Alberto que resmungo insolentemente? As estatísticas acerca de estudantes em programas especiais provam consistentemente que eles podem melhorar suas notas, aprender novas habilidades e melhorar sua média acadêmica. Muitos aprendizes fora do comum serão nossos líderes de amanhã.

É nosso alvo meramente satisfazer as exigências da lei? Não temos nós, educadores cristãos, um propósito mais elevado — abrir portas para todos os estudantes que podem aprender, que freqüentemente se esforçam o dobro de outros para aprender, que têm muito a contribuir e que amam ao mesmo Senhor que nos ama a todos igualmente? Quando eram adolescentes, dissemos aos pais que os enviassem a escolas públicas onde suas necessidades poderiam ser satisfeitas. Agora estão à nossa porta de novo — que faremos? Vamos nos dedicar a abrir portas para eles. ☞

---

*Elizabeth Anderson é diretora do Centro para Sucesso Acadêmico do Atlantic Union College, South Lancaster, Massachusetts, E.U.A. Ela tem servido neste Centro desde sua abertura em 1992, e é sua diretora desde junho de 1996. Aqueles que estiverem interessados em “network” acerca da provisão de serviços para estudantes com deficiências de aprendizado em nossas escolas podem enviar por “E-mail” seu nome e endereço para [canderson@atlanticuc.edu](mailto:canderson@atlanticuc.edu).*

---

### NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Nossos agradecimentos a Thomas Armstrong, autor de *Multiple Intelligences in the Classroom* (Alexandria, Va.: Association for Supervision and Curriculum, 1994), pág. 137, pelos nomes de pessoas com deficiências de aprendizado que se distinguiram em cada uma das “inteligências”; e aos meus alunos que têm sido exemplos vivos de excelência em cada uma delas.
2. Rosalie P. Fink, “Successful Dyslexics: A Constructivist Study of Passionate Interest Reading”, *Journal of Adolescent and Adult Literacy* 39:4 (dezembro 1995/janeiro 1996), pág. 270.
3. Idem, págs. 271, 272.
4. Charles T. Mangrum II e Stephen S. Strichart, *Peterson's Colleges With Programs for Students With Learning Disabilities* (New Jersey: Peterson's Guides, Inc., 1994).

5. Rhonda Hartman, “Foreword”, *Peterson's Colleges With Programs for Students With Learning Disabilities*, pág. s/n.
6. \_\_\_\_\_, *College: The Basics* (The National Center for Postsecondary Governance and Finance, 1990), série de duas fitas cassete, “Students With Disabilities”, lado D.
7. Elizabeth P. Aune e Jean E. Ness, *Tools for Transition* (Circle Pines, Minn.: American Guidance Service, 1991).
8. Roger Pierangelo e Robert Jacoby, *Parents' Complete Special Education Guide* (New York: The Center for Applied Research in Education, 1996), pág. 36.
9. Charlotte Oliphant, “Helping College Students Who Read Poorly”, *The Journal of Adventist Education* 55:5 (Verão 1993), pág. 40.
10. Eileen M. Cronin, *Helping Your Dyslexic Child* (Rocklin, Calif.: Prima Publishing, 1994), pág. 57.
11. Idem, pág. 62.
12. Idem, pág. 69.
13. Oliphant.
14. Frank Lang, *Potentials Learning Systems, Action Phonics Reading Lab, Introduction* (Thomaston, GA.: Potentials Learning Systems, 1995), pág. 2.